

**TRANSBORDAR A PALAVRA:
AS PALAVRAS NAS REDES SOCIAIS
PODEM GERAR COMUNICAÇÃO PRESENCIAL?¹**

Juliana Gomide Arruda²

Resumo

Atualmente, grande parte das palavras circula por meios terciários de comunicação, como as redes sociais, em que a presença física do corpo cede lugar a aparatos e telas. A partir da premissa de que toda comunicação começa e termina no corpo (Harry Pross) e tomando como base o Instagram de Lilia Schwarcz, este artigo propõe uma reflexão sobre a possibilidade de as palavras transbordarem para outros ambientes com temporalidades distintas e produzirem uma comunicação de presença. Apuramos que as palavras de Lilia Schwarcz impactam os usuários e propagam-se para ambientes da mídia primária onde geram uma comunicação de proximidade. O alicerce teórico fundamenta-se em Harry Pross, Boris Cyrulnik, Aby Warburg e Norval Baitello Junior.

Palavras-chave: Palavra. Corpo. Mídia terciária. Instagram Lilia Schwarcz.

Abstract

Today, most words circulate through tertiary means of communication, such as social networks, in which the physical presence of the body gives way to devices and screens. Based on the premise that all communication begins and ends in the body (Harry Pross) and based on Lilia Schwarcz's Instagram, this article proposes a reflection on the possibility of words overflowing to other environments with different temporalities and producing a communication of presence. We found that Lilia Schwarcz's words impact users and propagate to primary media environments where they create close communication. The theoretical foundation is based on Harry Pross, Boris Cyrulnik, Aby Warburg and Norval Baitello Junior.

Keywords: Word. Body. Tertiary media. Instagram Lilia Schwarcz.

Introdução

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídias Terciárias: o humano capturado pela rede midiática do VIII ComCult, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

²Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), artista visual e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestrado realizado com bolsa do CNPq. E-mail: juarrudaarte@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3754-9289>.

Atualmente, grande parte das palavras circula por meios terciários de comunicação. A mídia terciária surge com a eletricidade e demanda aparatos na transmissão e na recepção das mensagens; com isso, instaura novas relações de tempo e de espaço (Baitello Jr., 2010). O tempo lento introduzido pela mídia secundária rende-se ao tempo da instantaneidade e o espaço passa a ser o da proximidade, afinal, os meios elétricos diminuem distâncias e ampliam o alcance de distribuição das mensagens. É o ambiente da capilaridade, que, com o aprimoramento dos aparatos – especialmente da tecnologia *Wi-Fi*, que permite a conexão e a transferência de mensagens por redes sem fios (*wireless*) –, se transforma na capilaridade eólica do “a qualquer momento” e “em qualquer lugar”, segundo Baitello Junior (2010).

Capilaridade significa entrar em qualquer fresta, entrar em qualquer mínimo espaço, porque é de uma capilaridade eólica, que se transmite pelo vento, pelas nuvens posso acessar e mandar agora uma imagem do celular para outro celular, sem nenhum fio ligado, apenas pelo ar, pelo vento, pelas ondas. A capilaridade eólica é importante para a comunicação de massas de hoje, vivemos em uma era de capilaridade elétrica e eólica. Antes, a capilaridade da mídia impressa envolvia levar o livro e o papel até lá. Isto limitava o acesso, já que o transporte do objeto físico é penoso e caro. A capilaridade eólica significa que podemos ser alcançados a qualquer momento e em qualquer lugar por meio de aparatos que portamos conosco em todos os lugares (Baitello Jr., 2019, p. 69).

Nessa conjuntura, muitos dos processos comunicacionais ocorrem em plataformas de redes sociais, como Instagram, Facebook ou X (sucessor do Twitter). Nas redes sociais, as palavras se alastram como “uma epidemia ou pandemia”, uma vez que a descarga de afetos é imediata (Han, 2018, p. 99) e predominam a efemeridade e a fugacidade. Não existe o tempo dilatado da mídia secundária, que possibilita o apaziguamento dos ânimos ou mesmo a desistência – o tempo da redação e do envio de uma carta de outrora. A celeridade é tamanha que alcança até palavras apagadas, as quais, com frequência, circulam independentemente da vontade de seus titulares – por exemplo, com a captura de tela no instante da publicação e antes de sua remoção.

A comunicação cara a cara e presencial cede espaço para computadores, dispositivos móveis e telas. Se, por um lado, os meios terciários subtraem distâncias e ampliam o alcance de distribuição das palavras, por outro perde-se a presença física do corpo e muitas das possibilidades comunicativas a partir deste corpo, que são mais perceptíveis na comunicação primária, tais como as microexpressões faciais, os cheiros, muitos dos gestos e atitudes, dentre

outras. Byung-Chul Han diz que, “por causa da eficiência e da comodidade da comunicação digital, evitamos crescentemente o contato direto com pessoas reais, e mesmo o contato com o real como um todo” (2018, p. 44).

A despeito disso, o corpo ainda se faz presente nessa ambiência, porque na verdade são corpos que interagem entre si mediados por aparelhos. Por trás dos aparatos, existem corpos que falam, sentem e escutam e são os responsáveis pela produção das palavras que circulam nas redes sociais e por lhes atribuir significado através dos seus múltiplos sentidos.

A intenção aqui é discutir o alcance das palavras originadas em meios terciários como o Instagram, particularmente se tais palavras podem transbordar para outros ambientes que possuem temporalidades distintas, como o da mídia primária, e assim gerar uma comunicação de presença.

Toda palavra é uma imagem e um meio primário

Antes de adentrarmos no objeto propriamente dito, convém nomear de qual palavra se cuida. Tomamos como ponto de partida uma concepção ampla da palavra para compreendê-la com base no conceito universalizante de imagem de Aby Warburg, porque toda palavra é uma imagem.

A palavra é uma imagem, seja por sua forma gráfica e visualidade, seja por sua sensorialidade. A visualidade e a aparência imagética da palavra, especialmente a da escrita alfabética ocidental, traduzem-se nas letras que pouco se modificaram no decorrer dos tempos. A palavra é também uma construção sensorial do corpo, uma imagem acústica, porque representa a reprodução da voz, inclusive na forma escrita, dado que “letras são símbolos que, por convenção, significam sons falados” (Flusser, 1985, p. 108). Aqui, um parêntese para esclarecer que adotamos o conceito de Baitello Junior (2014), segundo o qual imagens são complexos perceptivos que envolvem diversos sentidos e sensorialidades, e não se restringem exclusivamente à visão.

Imagens, em um sentido mais amplo, podem ser configurações de distinta natureza, em diferentes linguagens: acústicas, olfativas, gustativas, táteis, proprioceptivas ou visuais. Portanto, nesse sentido, já a maioria delas é invisível e pode apenas ser

percebida por seus vestígios ou pelos outros sentidos que não a visão (Baitello Jr., 2014, p. 63).

Acima de tudo, a palavra é uma imagem por sua força de mídia e, nesse contexto, aproximamos a palavra da imagem a partir das contribuições de Aby Warburg e seus estudos da Biblioteca Warburg e do seu mais conhecido trabalho, o *Atlas Mnemosyne*. Em ambos, Warburg agrupa e estabelece associações entre palavras e imagens; assim, amplia os limites do que é uma imagem e, conseqüentemente, da palavra para além de uma visão exclusivamente formal e estética, compreendendo ambas – palavra e imagem – como recursos de vinculação e mídias (Baitello Jr., 2010).

As palavras, como imagens que são, mobilizam paixões – “para o bem e para o mal” (Baitello Jr., 2019, p. 66). Nas redes sociais, as palavras têm ampla repercussão e podem impactar e causar grandes arrebatamentos pela capilaridade dessa mídia terciária e pelo impulsionamento por algoritmos, projetados para reter a audiência e aumentar o tempo de permanência dos usuários. Os algoritmos definem o que se vê e o que não se vê nas redes sociais e mostram conteúdos com base em suposições sobre os usuários fixadas a partir de critérios que não são determinados por esses mesmos usuários (por exemplo, tendo em vista o que os usuários visualizaram, curtiram ou compartilharam). O Instagram não aplica um único algoritmo, mas diversos deles, um para cada parte do aplicativo³. Nesse ambiente, as palavras combinam-se com outros recursos e linguagens e podem gerar tanto ruído quanto comunicação; vale dizer, podem ser usadas na divulgação de conteúdos e converter-se em informações como também na distorção de fatos ou produção de *fake news*.

Apesar de mediadas por aparelhos, nas redes as palavras se originam e se destinam a corpos – entendidos como organismos vivos em todas as suas complexidades e sentidos. O corpo é a própria vida embora possa produzir inúmeras possibilidades de linguagens (mídias). Nesse sentido, as palavras nascem do corpo e são essencialmente meios primários de comunicação – enquanto a palavra falada é a reprodução da voz, a palavra escrita é um gesto do movimento do corpo (Arruda, 2023). O corpo não é apenas biológico, mas também cultural;

³ Conforme vídeo explicativo do diretor do Instagram, Adam Mosseri, disponível em: <https://about.instagram.com/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works>. Acesso em: 11 maio 2023.

logo, carrega experiências e histórias pregressas e se modifica de acordo com a historicidade e com o ambiente.

Entender a palavra como mídia é conceber que ela funciona como uma ponte apta a criar conexões e vínculos e, portanto, comunicar independentemente da natureza da mediação. Com efeito, os meios de comunicação – primários, secundários ou terciários⁴ - não se excluem, mas se acumulam e se complementam, de modo que, a cada um, apenas se acresce uma etapa à anterior. Isso significa que a mídia terciária não anula a mídia primária nem a secundária (Baitello Jr., 1999). Considerando a cumulatividade dos meios, todas as mídias, inclusive as digitais, como as redes sociais, referem-se a corpos e se dão na interação entre corpos vivos.

O Instagram de Lilia Schwarcz

A proposta neste texto é refletir sobre a possibilidade de as palavras articuladas nas redes sociais por meio de aparatos gerarem comunicação de presença. Para tanto, partimos das palavras produzidas no Instagram de Lilia Schwarcz.

Lilia Moritz Schwarcz é antropóloga, professora e historiadora e mantém um perfil profissional público e aberto no Instagram (@liliaschwarcz) com 537 mil seguidores⁵ no qual oferece uma espécie de curadoria de informações previamente selecionadas por ela, particularmente notícias em destaque na mídia e análises de imagens visuais atuais e históricas.

O Instagram foi inicialmente concebido para dispositivos móveis com sistema operacional iOS – os usuários do iPhone, da Apple. Posteriormente, surgiram as versões para a *web* e para Windows Phone. Entretanto, apesar de hoje ser possível acessar o aplicativo pelo *desktop*, o Instagram ainda é usado primordialmente em dispositivos móveis.

A professora Lilia Schwarcz ingressou no Instagram em novembro de 2016, mas passou a usar mais ativamente a plataforma em novembro de 2018, ocasião em que fez uma publicação

⁴ De acordo com a teoria da mídia de Harry Pross, abordada por Baitello Junior (2010), a mediação pode se dar por meios primários, secundários ou terciários. A comunicação primária realiza-se diretamente entre os participantes no mesmo tempo e espaço físico, com os recursos dos próprios corpos. Na comunicação secundária, o transmissor necessita de um aparato ou suporte físico para transportar a mensagem até o receptor, que pode estar fisicamente distante do primeiro. Já a comunicação terciária exige que ambos os participantes tenham acesso a aparatos para transmitir e receber a mensagem, eliminando a necessidade de transporte dos suportes e aumentando o alcance do sinal.

⁵ Na data de 27 de novembro de 2023.

sobre o então ministro da Ciência e Tecnologia do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), que gerou aumento do engajamento na rede.

Seu perfil se destaca pelo protagonismo da palavra. Os conteúdos são trazidos por meio de análises e informações contextualizadas. Enfatiza-se a palavra escrita, que aparece em todas as publicações por meio de textos extensos e expressos numa linguagem direta e formal, sem quaisquer abreviações de palavras ou emprego de *emojis*, que diferem do padrão usualmente encontrado no Instagram. Por conseguinte, os usuários que chegam ao perfil de Lilia Schwarcz se deparam com palavras que demandam leitura, e constatamos que eles despendem tempo com os conteúdos, porque leem, comentam e criticam (Arruda, 2023).

Acompanhamos o perfil de Lilia Schwarcz no Instagram por aproximadamente 18 meses, de janeiro de 2022 a junho de 2023, período no qual analisamos as publicações da professora e os comentários dos usuários. Utilizamos o termo “usuário” ao invés de seguidor, uma vez que o perfil de Lilia Schwarcz é público e aberto; em função disso, qualquer pessoa, incluindo os não seguidores, pode acessar os conteúdos e tecer comentários. Estabelecemos um recorte para a seleção dos conteúdos a serem analisados: fixamos o marco inicial em 2020, quando a professora passou a usar o Instagram de forma mais organizada e profissional, e o termo final em 2023. A metodologia de trabalho baseou-se na observação do objeto numa perspectiva empírica e no contexto da mídia terciária e das redes sociais (Arruda, 2023).

O transbordamento da palavra

As palavras da professora Lilia Schwarcz multiplicam-se e disseminam-se no Instagram, favorecidas pela capilaridade dessa mídia e pelo ambiente célere que democratizam o fácil acesso aos conteúdos, impulsionados com a ajuda de algoritmos. O formato do Instagram também contribui para a difusão, pois o aplicativo é voltado ao uso em dispositivos móveis.

Byung-Chul Han diz que os dispositivos móveis são bem mais do que simples telefones: são verdadeiros meios de “imagem e informação”.

O telefone celular que carregamos hoje em nossos bolsos não tem o *peso do destino*. É prático e leve. Nós o temos sob controle na palma da mão, em sentido literal. O destino é aquele poder estranho que nos imobiliza. A mensagem como a voz do destino também nos dá pouca liberdade. A própria *mobilidade* do *smartphone* nos dá

uma sensação de liberdade. Seu toque não assusta ninguém. Nada sobre o telefone celular nos força a uma passividade desamparada. Ninguém está entregue à *voz do outro* [...] O *smartphone* difere do telefone celular convencional por não ser apenas um telefone, mas antes de tudo um meio de imagem e informação (Han, 2022, p. 42-43, 45).

Uma vez que os dispositivos são portáteis e hoje os carregamos para todos os lugares, praticamente como extensões do corpo físico, as palavras de Lilia Schwarcz podem ser discutidas dentro e fora da rede social, como em salas de aula, mesas de bares e restaurantes, reuniões de família e tantos outros lugares. A acessibilidade e a comunicação do tempo presente – o tempo do “a qualquer momento e em qualquer lugar” da mídia terciária – promovem a dispersão das palavras de Lilia Schwarcz para diferentes espaços.

Ao alcançar outros ambientes, nos deparamos com a indagação inaugural: as palavras podem gerar comunicação presencial nesses ambientes? Baitello Junior responde de modo afirmativo: “A comunicação de distância pode sim gerar comunicação de proximidade” (2013, p. 64).

Na prática, são os usuários que propagam as palavras de Lilia Schwarcz para outros ambientes. Os usuários chegam ao seu perfil com disponibilidade para leitura, se apossam das palavras e expandem seu alcance para o mundo físico. Com efeito, são corpos que interagem nesse ambiente virtual, ainda que mediados por telas e aparatos. São organismos vivos que atribuem significado às palavras através dos seus múltiplos sentidos e sensorialidades (é através do corpo que compreendemos e experienciamos o mundo) e que, ademais, são afetados e impactados pelas palavras. Logo, as palavras de Lilia Schwarcz alcançam ambientes externos e ganham força especialmente em espaços educacionais, talvez pelo fato de ela ser professora.

Vejamos alguns comentários extraídos a partir de publicações do perfil da professora:

“A vontade de levar essa postagem para minha aula de Estética e História da Arte é grande”.

“Sempre cito aos meus alunos estas brilhantes interpretações que a senhora faz em relação as imagens. PARABÉNS, professora”.

“Lilia, hoje em aula coloquei um vídeo seu sobre identidade brasileira, em um momento você diz que precisamos ter cuidado de onde procuramos identidade, nesse gancho, acabei mostrando aos meus alunos, pra exemplificar essa sua fala, a comparativa do Bozo com Mussolini [a publicação de Lilia Schwarcz traz uma foto do ex-presidente Jair Bolsonaro comparando-o a Benito Mussolini]. esse vídeo seu é

anterior ao fato. o mundo realmente é um museu de grandes novidades. no mais, grata pela análise mais uma vez sã. você é incrível”.

“Uso alguns dos seus textos com meus estudantes do ensino básico no Recife! Tem sido muito interessante e de reflexão nas minhas aulas de história”.

“Até salvei para discutir em sala de aula com meus alunos. A imprensa – leia-se jornal Estado de São Paulo – e manutenção do racismo”.

“Lilian você é maravilhosa. Utilizo [sic] seus vídeos na sala de aula”.

“Sei que meu comentário pode nem chegar aos seus ouvidos, mas estou usando em sala para debater esse tema [em publicação de vídeo e texto sobre o “descobrimento” do Brasil]. A proposta é ótima.”

“Estou estudando esse seu vídeo para falar com alunos de ensino médio em uma aula de sociologia sobre o uso das [sic] imagens e a construção do oriente”.

“Análise fantástica professora, obrigado por compartilhar, sempre utilizo seus escritos em minhas aulas no ensino médio”.

“Salvei. Material para discutir em sala de aula”.

“Uso suas reflexões quando preparo minhas aulas. Parabéns” (outro seguidor responde: “Faço o mesmo! Fonte de conhecimento e reflexão”).

Disponível em: <https://www.instagram.com/liliaschwarz/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Aqui, abrimos outro parêntese para esclarecer que as amostras de comentários acima contemplam apenas publicações efetuadas no intervalo compreendido entre 2021 e 2023. Excluímos o ano de 2020 por ter sido o primeiro ano da pandemia de COVID-19, quando muitas escolas permaneceram fechadas e/ou suspenderam as atividades presenciais nesse período. O atendimento presencial foi retomado em 2021, ainda que de forma intermitente ou de modo híbrido – com aulas presenciais e remotas –, e ganhou força a partir do segundo semestre, razão pela qual incluímos o ano de 2021 no levantamento.

Os comentários mostram que os conteúdos do Instagram de Lilia Schwarcz são levados às salas de aula. Os usuários do perfil salvam os conteúdos para “discutir em sala de aula”; mais do que isso, usam os conteúdos como materiais das aulas, o que se nota em comentários como o do usuário que “sempre” utiliza os escritos da professora nas aulas que ministra para o ensino médio. Os usuários – certamente professores – vão além e usam tais conteúdos para o preparo das aulas, ou seja, eles estudam e refletem acerca dos conteúdos para posteriormente utilizá-los, tal e qual o usuário que “está estudando” o vídeo para “falar com alunos de ensino médio”

ou o usuário que diz “uso suas reflexões quando preparo minhas aulas”. Dessa forma, os usuários utilizam as palavras de Lilia Schwarcz como conteúdos propriamente ditos ou no planejamento das aulas.

Embora as tecnologias digitais – como retroprojetores, computadores, celulares e outras – sejam utilizadas nas salas de aula, estes são espaços da mídia primária e da relação corpo a corpo. De um lado, professor; de outro, aluno. Ambos – professor e aluno – com “um corpo, uma aura, uma presença física”, conforme Baitello Junior (Cagliari & Oliveira, 2022, p. 8), e cada qual com suas histórias, experiências e aprendizados pregressos. Afinal de contas, indivíduos são seres compactos e divididos do mundo, segundo Boris Cyrulnik (1997, p. 92): “O indivíduo é um objeto ao mesmo tempo indivisível e poroso, suficientemente estável para ser o mesmo quanto do biótipo varia e suficientemente poroso para se deixar penetrar, a ponto de se tornar ele mesmo um bocado de meio ambiente”.

Nas salas de aula, os participantes – professor e aluno – interagem no mesmo tempo e espaço físico, usando os recursos dos próprios corpos e suas diversas possibilidades de produção de linguagens. Existe o movimento dos corpos com seus gestos, expressões, atitudes; existe a fala com a entonação e a musicalidade da voz; existe o olhar e existe o ouvir. O ouvir está relacionado com o sentir, pois “o som é vibração” e “a vibração opera sobre a pele” (Baitello Jr., 2014, p. 142), ou seja, diretamente sobre o corpo físico. Em muitas aulas, a escuta é ativa por meio de rodas de conversa, debates e trocas efetivas entre professor e aluno. Nas relações que se estabelecem nesse ambiente, o afeto está sempre presente e se manifesta através do diálogo e na capacidade empática de entendimento e reconhecimento do outro.

Portanto, as palavras de Lilia Schwarcz, produzidas na mídia terciária, se expandem para a mídia primária – neste caso, as salas de aula, que são ambientes com outra temporalidade: a da presença física, da afetividade e da permanência. Lá, elas podem gerar uma comunicação de proximidade, porque “toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a este ponto” conforme Harry Pross (1971, p. 128 citado por Baitello Jr., 2001, p. 2).

Nesse sentido, corpos devem ser entendidos como organismos vivos em toda a sua complexidade. Quando Pross traz o corpo para o centro do processo comunicativo, ele traz

também a experiência. Para ele, o conceito de corpo é muito maior que o conceito de mídia e a forma como se dá a mediação – por meios primários, secundários ou terciários⁶. Os vínculos e os processos comunicativos são da ordem da experiência do corpo e seus múltiplos sentidos e sensorialidades. Eles nascem a partir da forma como vivenciamos e nos relacionamos com o ambiente e com o tempo, este último dado pela cultura (Arruda, 2023). E, como visto, carregamos conosco todas as experiências e os aprendizados vivenciados, porque são essas experiências que nos constituem. É por meio delas – do experimentar, do sentir e da atribuição de significados – que vivenciamos o outro e o mundo.

As palavras de Lilia Schwarcz não são apenas levadas pelos usuários do ambiente virtual para o ambiente físico da sala de aula. Na realidade, os usuários entram em contato com as palavras no Instagram e são atravessados e impactados por elas, porque o corpo não é apenas biológico, mas também social, histórico e cultural. Como diz Baitello Junior (1999, p. 4), “falar em corpo é falar em uma complexa intersecção entre natureza biofísica, natureza social e cultura” e, como decorrência, numa “enorme quantidade de informações”. Assim, corpo e cultura estão interligados, um faz parte do outro e está sempre em contato com o outro, e ambos se contaminam. Por essa razão, o corpo deve ser compreendido em diálogo com o ambiente, que é o entorno, o que está ao redor do objeto.

Desse modo, ambientes são determinantes das ações humanas e dos preceitos culturais que estão integrados nos mesmos ambientes. Nesse contexto, os ambientes da atualidade são majoritariamente mediáticos. A cultura mediática e digital traz mudanças nos comportamentos culturais, como a forma por meio da qual interagimos e nos comunicamos, agora mediados essencialmente por dispositivos eletrônicos e tecnológicos, e a forma como buscamos conhecimento e informações, sobretudo na internet e nas redes sociais como o Instagram (Arruda, 2023). Dito isso, são as pessoas com seus corpos impregnados de vida e de cultura e, portanto, de experiências e sentidos, nesse ambiente mediático (que é o corpo coletivo), as responsáveis por transbordar as palavras de Lilia Schwarcz para a ambiência primária e produzir uma comunicação presencial. E a simples presença do corpo “gera a disposição de

⁶ Conforme Mauricio Ribeiro da Silva, na mesa-redonda “Redes, Telas e Devorações”, realizada no dia 16 de novembro de 2023 no VIII ComCult, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo – Brasil (informação verbal).

interação”, de se comunicar e estabelecer vínculos porque, no fundo, somos todos “seres de incompletudes, dependentes – desde o nascimento – de outros para sobreviver” (Baitello Jr., 2008, p. 99).

Considerações finais

Como visto, o Instagram é um meio de comunicação de distância (distância espacial) que aproxima pessoas. A mediação dispensa a presença física do corpo e se dá por meio de aparatos. Não obstante, o corpo se faz presente nessa ambiência, porque todas as mídias, inclusive as digitais, se referem ao corpo, uma vez que se realizam e se concretizam na interação entre corpos (Menezes, 2004).

De fato, são os corpos vivos os responsáveis pela produção das palavras que circulam nas redes sociais e por lhes atribuir significado através dos seus múltiplos sentidos e experiências. A atribuição de sentido é dada por organismos vivos que também possuem uma memória cultural – logo, por corpos bioculturais. Assim, o corpo não pode ser deixado de fora no estudo da dinâmica comunicacional desse ambiente ou meramente reduzido à função de mídia.

As palavras nascem do corpo e são meios primários de comunicação que podem criar conexões e vínculos, com capacidade para mobilizar afetos e impactar. As palavras no Instagram de Lilia Schwarcz impactam os usuários e se propagam para fora da rede social. Externamente, alcançam salas de aula, ambientes da afetividade e da presença; com isso, geram uma comunicação de proximidade, do corpo a corpo, porque toda comunicação começa e termina no corpo, conforme Harry Pross.

Arriscamos a dizer que essa comunicação de presença talvez não se restrinja às salas de aula, mas possa alcançar outros espaços e usuários. Assim, por exemplo, chamadas efetuadas pela professora Lilia Schwarcz no Instagram para visitas guiadas em galerias de arte a exposições de sua curadoria podem gerar encontros presenciais com muitos usuários, como a autora teve a oportunidade de presenciar em uma dessas ocasiões. Desses encontros, podem sobrevir aproximações, uma comunicação da mídia primária e até vínculos afetivos.

Referências

Arruda, J. G. (2023). *Palavra-Paisagem: ecologia da palavra no Instagram de Lilia Schwarcz*. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

Baitello Junior, N. (16 de outubro de 1999). A mídia antes da máquina. *Caderno de Ideias, JB Online*. Acesso em 02 de novembro de 2022, disponível em http://cisc.org.br/portal/jdownloads/BAITELLO%20JUNIOR%20Norval/a_mdia_antes_da_mquina.pdf

Baitello Junior, N. (2008). Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. Em D. Rodrigues (Ed.), *Os valores e as atividades corporais*. São Paulo: Summus.

Baitello Junior, N. (2010). *A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia*. São Paulo: Paulus.

Baitello Junior, N. (2012). *O pensamento sentado. Sobre glúteos, cadeiras e imagens*. São Leopoldo: Unisinos.

Baitello Junior, N. (2013). Os sentidos e as redes. Considerações sobre a comunicação presencial na era telemática. Em M. Barbosa, & O. d. Morais (Eds.), *Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades*. São Paulo: Intercom.

Baitello Junior, N. (2014). *A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura*. São Paulo: Paulus.

Baitello Junior, N. (2019). A imagem mediática. *FAPCOM*, 3(5), 61-69. Acesso em 21 de junho de 2022, disponível em <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/90/84>

Baitello Junior, N. O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária. In: (org.). *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. (2001). Em A. e. Fausto Neto (Ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Cagliari, I., & Oliveira, R. (2022). Do imaginário ao mundo real: a sinestesia das imagens. Entrevista com Norval Baitello Jr. esmiúça definições e consequências das figuras imagéticas na vida dos seres humanos. *Nnhengatu*, 1(6), 1-18. Acesso em 23 de abril de 2023, disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/nhengatu/article/view/58960>

Cyrułnik, B. (1997). *Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo*. (A. Rabaça, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget.

Flusser, V. (1985). *Escrever em universo de imagens*. Acesso em 10 de junho de 2022, disponível em Arquivo Vilém Flusser São Paulo: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser>

Frier, S. (2021). *Sem filtro: os bastidores do Instagram: como uma startup revolucionou nosso estilo de vida*. (S. M. Dolinsky, Trad.) São Paulo: Planeta.

Han, B.-C. (2018). *No exame: perspectivas do digital*. (L. Machado, Trad.) Petrópolis: Vozes.

Han, B.-C. (2022). *Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida*. (R. Rodrigues, Trad.) Petrópolis: Vozes.

Menezes, J. E. (2004). Processos de mediação: da mídia primária à mídia terciária. *Communicare*, 4(1), 27- 40.

Serva, L., & Guimarães, L. (2022). Norval Baitello Junior: da iconofagia à ecologia da comunicação – as imagens e o corpo na comunicação e na cultura. *MATRIZES*, 16(2), 123-133. Acesso em 28 de outubro de 2022, disponível em <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/201627>

Warburg, A. (2015). *Histórias de fantasma para gente grande. Escritos, esboços e conferências*. São Paulo: Companhia das Letras.